

**A TEORIA DO POÉTICO E O FRAGMENTO LITERÁRIO DE NOVALIS:
REFLEXÕES A PARTIR DE WALTER BENJAMIN E DA FILOSOFIA DE
FICHTE.**

Natália Fernanda da Silva TRIGO (UNESP/Ibilce)

Prof. Dr. Márcio SCHEEL (orientador) (UNESP/Ibilce)

RESUMO: O *Frühromantik* se desenvolveu no final do século XVIII a partir de uma reunião de pensadores, que ficou conhecida como o Círculo de Jena, cujos principais representantes foram os irmãos Schlegel e Novalis. Esses autores propuseram reflexões sobre a filosofia e as artes, criando novos conceitos e ideias sobre estética, obra, criação e teoria. Foram influenciados principalmente pelo conceito de crítica desenvolvido por Kant em suas *Críticas* e pela filosofia do Eu de Fichte, desenvolvida em sua *Doutrina da Ciência*. Walter Benjamin em sua tese *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* sistematiza as ideias românticas acerca da crítica e da obra de arte. Procuramos, então, a partir da tese de Benjamin, refletir sobre a influência da filosofia de Kant e Fichte nos fragmentos de *Pólen* de Novalis que refletem sobre a crítica e a obra literária. Buscamos ainda, analisar esses fragmentos dialogando com as concepções de crítica e poesia romântica que Benjamin desenvolve em sua tese a partir desses fragmentos. Além de discutir as ideias propostas pelos fragmentos acerca da crítica e da poesia, refletiremos sobre a própria utilização do fragmento como gênero, para isso utilizaremos principalmente as reflexões de Lacoue-Labarthe e Nancy (1978). Como suporte crítico e teórico utilizaremos estudos que discutem a tese de Walter Benjamin como os de Seligmann-Silva (1999) e Gagnebin (1999). Usaremos sobre a gênese e desenvolvimento do primeiro romantismo alemão e a influência da filosofia de Kant e Fichte em seus pensadores as discussões de Scheel (2010) e Bornheim (2008). Utilizaremos ainda, estudos anteriores que analisaram a obra de Novalis, em especial o de O'Brien (1995) e o de Schefer (2011), para discutir a relação entre os fragmentos de Novalis e a tese de Benjamin no desenvolvimento da ideia de crítica e de poesia moderna.

Palavras-chave: Novalis. Fichte. *Pólen*. Benjamin.

No final do século XVIII temos uma reunião de pensadores em Jena, que originou o Círculo de Jena, também conhecido como primeiro romantismo alemão (*Frühromantik*). Seus principais representantes foram os irmãos Schlegel, Novalis, Tieck e Schleiermacher. Através de suas reflexões sobre a filosofia e as artes, esses pensadores criariam novos conceitos e ideias sobre estética, obra, criação e teoria.

Novalis, pseudônimo de Georg Friedrich Philipp von Hardenberg, propõe, segundo Scheel (2010) discussões muito mais filosóficas do que havia até então. As obras do poeta alemão são marcadas pelo rompimento com os cânones clássicos, com os valores de arte e crítica que eram postulados pelos tratados de arte, rompimento este associado ao ideal de libertação, pela visão melancólica e noturna, pela nostalgia e pelo misticismo, valores presentes no romantismo alemão. Para Novalis, a função do poeta é a de transportar a humanidade para uma nova reflexão, a poesia e a arte são vistas como atividade de pensamento, ou seja, se realizam como reflexão. Essas ideias acerca da poesia, da linguagem poética e da crítica são desenvolvidas por Novalis nos fragmentos de *Pólen*, que são publicados em 1798, no primeiro número da revista *Athenaeum*¹, que era dirigida pelo seu amigo Friedrich Schlegel. A coletânea de fragmentos recebe o nome de *Pólen*, pois, de acordo com Lacoue-Labarthe e Nancy (1978), a forma do fragmento é uma dispersão das ideias, não uma disseminação, essa dispersão está ligada à sementeira e às futuras colheitas, imagem que se liga à de *Pólen*. No presente trabalho utilizamos a tradução de *Pólen* de Rubens Rodrigues Torres Filho (2009) para a Coleção Biblioteca Pólen, dirigida por ele para a editora Iluminuras. Nessa tradução, encontramos a seguinte divisão da obra: “Folhas de fragmentos”, “Pólen/Observações entremescladas”, “Fragmentos logológicos I e II”, “Poesia”, “Poeticismos”, “Fragmentos I e II”, “Fragmentos ou tarefas de pensamento”, “Anedotas”, “Diálogos” e “Monólogo”. É importante ressaltar, que como apontado por Scheel (2010), Rubens Rodrigues Torres Filhos tem uma formação filosófica radicada na tradição do pensamento alemão, sendo ele um dos maiores estudiosos de Fichte no país, o que lhe confere profundo conhecimento e autoridade sobre esse momento histórico, filosófico e literário.

Walter Benjamin, segundo Seligmann-Silva (2009), foi um dos maiores teóricos e historiadores da modernidade, pois, viveu profundamente a modernidade e por isso a compreendeu como poucos. Benjamin escreveu "a partir das entranhas de seu tempo" (SELIGMANN-SILVA, 2009, p.15). Walter Benjamin desenvolve entre 1917 e 1919 sua tese de doutorado, *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*, que constitui uma das mais importantes e relevantes reflexões a cerca da concepção de crítica e de arte para os primeiros românticos alemães. Em sua tese, Benjamin

¹ A revista *Athenaeum* surge como o principal veículo precursor das ideias dos primeiros românticos. Nela encontra-se as obras e as principais concepções dos membros do movimento, além de algumas de suas produções literárias, críticas e filosóficas.

desenvolve a ideia da arte como médium de reflexão. O médium de reflexão seria, de acordo com Benjamin, o absoluto romântico². Ele sistematiza as ideias que estão nos fragmentos dos românticos, em especial de Schlegel e Novalis. Seligmann-Silva (2011) ressalta que foi a partir da tese de Benjamin que se começou a compreender a teoria do conhecimento e o conceito de crítica dos românticos. Utilizaremos a tradução do *Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão* de Márcio Seligmann-Silva de 2011, que também faz parte da Coleção Biblioteca Pólen. É importante ressaltar que Seligmann-Silva é um dos mais importantes estudiosos de Walter Benjamin no país, o que lhe confere conhecimento e autoridade sobre as obras desse autor.

Benjamin inicia sua reflexão sobre a ideia de crítica de arte e da poesia romântica sistematizando e refletindo sobre de que maneira a filosofia do Eu de Fichte, desenvolvida em sua *Doutrina da Ciência*, foi fundamental para o desenvolvimento não apenas da teoria do conhecimento e da reflexão romântica, como também do conceito de crítica de arte, e com isso, do conceito de arte romântica. Segundo Lacoue-Labarthe (1986), Benjamin, parte da filosofia de Fichte para desenvolver a problemática romântica da obra de arte e de sua crítica, ressaltando que é importante notar até onde os românticos seguem Fichte, para poder identificar onde eles se separam dele.

Fichte desenvolve em sua *Doutrina da Ciência* através de um trabalho lógico, um pensamento que pretendia elevar a filosofia ao estatuto de ciência evidente. “Fichte acentua o dar-se na interpretação mútua do pensamento reflexivo e do conhecimento imediato.” (BENJAMIN, 2011, p.30) Em sua filosofia, Fichte busca compreender a origem de todo pensamento humano. E para isso, sua filosofia discute a própria reflexão. A reflexão para Fichte da forma aquilo que era só conteúdo. Para os românticos o que interessa não é a continuidade da construção de conhecimento e sim a conexão em si: “a infinitude da reflexão é, para Schlegel e Novalis, antes de tudo não uma infinitude da continuidade, mas uma inifinitude de conexão.” (BENJAMIN, 2011, p.36).

Segundo Benjamin a reflexão é o centro do pensamento romântico. . O poema é uma reflexão orgânica, viva, autônoma e a crítica uma reflexão decomposta (desdobrada) desse poema:

² Benjamin explica em uma nota de rodapé o sentido duplo de médium de reflexão: “o sentido duplo da designação não acarreta neste caso nenhuma obscuridade. Pois, por um lado, a reflexão mesma é um médium – graças ao seu constante conectar; por outro lado, o médium em questão é tal que a reflexão move-se nele – pois essa, como o absoluto, movimenta-se em si mesma” (BENJAMIN, 2011, p.45).

Schlegel avança um passo. Concorde com Fichte, quando este afirma que a realização plena do ideal da liberdade não é possível. Mas, acrescenta ele, não é possível para a filosofia. [...] Na criação artística, o homem serve-se do sensível para dominá-lo e, através desse domínio, o Não-Eu, o mundo sensível, como que se espiritualiza, se idealiza. Através da idealização que é a obra de arte, estabelece-se a unidade entre o real e o ideal (BORNHEIM, 2008, p.93).

A filosofia de Fichte, ao pensar sobre a própria reflexão, teve um papel fundamental no desenvolvimento da ideia de crítica e de poesia para Schlegel e Novalis. Benjamin na segunda parte de sua tese desenvolve a ideia de crítica de arte romântica, e como, a partir da ideia de crítica, podemos entender a própria compreensão da ideia de poesia para os primeiros românticos.

A crítica de arte é para os românticos, segundo Benjamin, a potencialização da forma da arte. Essa arte da qual os românticos tratam, Benjamin ressalta que, se trata da poesia, da literatura, da arte como produção de texto, a arte da linguagem. O que interessa para os românticos é o exercício da crítica. O poema seria a reflexão orgânica, e a crítica à reflexão decomposta, desdobrada do poema.

Segundo Seligmann-Silva (1999) a crítica romântica é a crítica como desdobramento da reflexão presente na obra, uma auto-reflexão do próprio objeto artístico. A reflexão acontece no absoluto da arte, sendo a arte manifestação desse médium de reflexão, e a reflexão o lugar de conexões infinitas: “a arte é uma determinação do médium-de-reflexão, provavelmente a mais fecunda que ele recebeu. A crítica de arte é o conhecimento do objeto neste médium-de-reflexão” (BENJAMIN, 2011, p.71).

Os românticos pretendem afastar a crítica de arte da crítica judicativa dos clássicos, e, aproximar essa crítica da especulação filosófica, essa ideia se desenvolve a partir da ideia de crítica desenvolvida por Kant:

Através da obra filosófica de Kant o conceito de crítica havia recebido um significado quase mágico para a geração mais jovem; de qualquer modo, inegavelmente se associou a ele justamente não o sentido de uma atitude espiritual simplesmente judicativa e não produtiva, mas, para os românticos e para a filosofia especulativa, o termo “crítico” significava “objetivamente produtivo”, “criador a partir da clareza de consciência”. [...] O procedimento crítico adquire uma afinidade muito próxima com o procedimento reflexivo. (BENJAMIN, 2011, p. 58-59)

A crítica deixa de ser julgadora da arte e passa a ser criadora de um conhecimento sobre a própria arte. O conhecimento sobre a obra passa a se dar dentro

do campo da arte a partir do desdobramento. A arte passa a ser um processo de conhecimento, e a crítica de arte um processo de reflexão, de pensamento. Aproxima-se, então, o conhecimento crítico e reflexivo. A criação literária cria a linguagem, faz da poesia um tipo de pensar, e a atividade poética se torna uma forma de reflexão que produz algo que se torna disponível para que a crítica produza conhecimento.

A crítica deve habitar o mesmo médium da arte para que possa desdobrá-la: “para os românticos, a crítica é muito menos o julgamento de uma obra do que o método de seu acabamento. Neste sentido, eles fomentaram a crítica poética, superaram a diferença entre a crítica e a poesia” (BENJAMIN, 2011, p.77). O ponto de chegada e de partida da crítica deve ser a obra, pois, a obra já contém uma potencialidade reflexiva. Cabe a crítica, despertar essa reflexão que a obra contém, desperta o conhecimento da obra por ela mesma. É a obra que deve determinar sua fundamentação teórica e sua crítica:

A tarefa da crítica de arte é o conhecimento no médium-de-reflexão da arte. A crítica é, então, diante da obra de arte, o mesmo que a observação é diante do objeto natural, são as mesmas leis que se amoldam diversamente em objetos diferentes. [...] Crítica é, então, como que um experimento na obra de arte, através do qual a reflexão desta é despertada e ela é levada à consciência e ao conhecimento de si mesma (BENJAMIN, 2011, p.74).

A reflexão que a obra produz é infinita, e por isso a obra é infinita como médium de reflexão: “toda obra é necessariamente incompleta diante do absoluto da arte” (BENJAMIN, 2011, p.78). Toda obra de arte é, portanto, incompleta no sentido do médium de reflexão, ela demanda uma crítica que desenvolva essa reflexão. Seligmann-Silva (1999) aponta que Benjamin evidencia que para os românticos a exposição da auto-reflexão inerente à obra só é possível através da crítica. A revelação da totalidade da obra só é possível através do processo de reflexão, não só da obra, mas também de sua crítica, isso torna a obra um eterno devir:

A crítica é, então, o médium no qual a limitação da obra singular liga-se metodicamente à infinitude da arte, e finalmente, é transportada para ela, pois a arte é [...] infinita enquanto médium-de-reflexão. [...] A potencialização da reflexão na obra, também pode ser designada desta maneira em sua crítica, a qual é, certo, possui, por sua vez, infinitos graus (BENJAMIN, 2011, p.76-77).

Para os românticos, “a crítica é a elevação da obra à sua potência, a intensificação e a exposição da sua reflexão” (SELIGMANN-SILVA, 1999, p.75). A

crítica deve ser uma transposição das obras no mesmo espaço de reflexão que a obra foi criada. A obra encontra uma nova forma através da crítica:

A forma é [...] a expressão objetiva da reflexão própria à obra, que forma sua essência. Ela é possibilidade da reflexão na obra, ela serve, então, a priori, de fundamento dela mesma como um princípio de existência; através de sua forma a obra de arte é um centro vivo de reflexão. No médium-de-reflexão, na arte, formam-se sempre novos centros de reflexão. Segundo seu germe espiritual, eles abarcam na reflexão conexões maiores ou menores. A infinitude da arte atinge a reflexão primeiramente apenas em um tal centro como num valor-limite, isto é, atinge a autocompreensão e, deste modo, a compreensão em geral. Este valor-limite é a forma de exposição da obra singular. Nela assenta-se a possibilidade de uma relativa unidade e integridade da obra no médium da arte. Mas, porque neste médium toda reflexão particular só pode ser isolada e casual, também a unidade da obra com relação àquela da arte é apenas relativa; a obra permanece conectada a um momento de casualidade. [...] A crítica preenche sua tarefa, na medida em que, quanto mais cerrada for a reflexão, quanto mais rígida a forma da obra, tanto mais múltipla e intensamente as conduza para fora de si, dissolvendo a reflexão originária numa superior e assim por diante (BENJAMIN, 2011, p.81).

Benjamin reflete sobre a criticidade que os românticos evidenciavam na verdadeira obra de arte, que o papel da crítica é desdobrar o germe crítico da própria obra, que já está presente nela. A verdadeira obra de arte para os românticos: "contém dentro de si mesma o germe do seu desenvolvimento infinito, que a crítica tem por tarefa descobrir e desdobrar" (GAGNEBIN, 1999, p.72). O valor da obra então:

Depende única e exclusivamente do fato de ela em geral tornar ou não possível sua crítica imanente. [...] Se uma obra é criticável, logo ela é uma obra de arte; de outro modo ela não o é um meio termo entre estes dois casos é impensável, mas também é inencontrável um critério de diferenciação de valores entre as verdadeiras obras de arte mesmas (BENJAMIN, 2011, p.86).

Essa criticidade imanente nas obras de arte não depende, segundo Benjamin, do juízo do crítico sobre ela, e sim, da própria arte, na medida em que permite a crítica ou a recusa. Gagnebin (1999) aponta que a crítica de arte romântica é, conforme desenvolve Benjamin, regida pelas leis da auto-reflexão, ela ultrapassa a observação pelo autojulgamento que é inerente ao objeto artístico. As obras então, não só refletem sobre si mesmas, como também, se julgam a si mesmas. A partir desse princípio da criticidade imanente da obra, os românticos desenvolvem uma teoria da arte:

O conjunto da teoria da arte romântica repousa sobre a determinação do médium-de-reflexão enquanto arte, ou, melhor dizendo, enquanto

Ideia de arte. Dado que o órgão da reflexão artística é a forma, logo a Ideia de arte é definida como o médium-de-reflexão das formas. Neste relacionam-se constantemente todas as formas de exposição, transformando-se umas nas outras e unindo na forma-da-arte absoluta, que é idêntica à Ideia de arte. A Ideia romântica da unidade da arte assenta-se portanto na Ideia de um *continuum* das formas. [...] A poesia romântica é, portanto, a Ideia mesma da poesia; ela é o *continuum* das formas artísticas (BENJAMIN, 2011, p.94).

Os românticos não desenvolvem uma definição da ideia de arte, eles percebem que a ideia de arte é algo que toda produção crítica e artística busca mesmo tendo em mente que nunca vai se chegar a ela: “o trabalho de potenciação que a crítica realiza consiste [...] no desdobramento da reflexão formal contida em cada obra, elevando esses elementos germinais à Idéia da obra e à Idéia da arte” (SELIGMANN-SILVA, 1993, p.122). Benjamin ressalta que a ligação com a Ideia da arte é conferida pelos românticos as obras poéticas através da reflexão. Conferindo assim a poesia romântica seu caráter transcendental:

Os românticos de Iena insistem, simultaneamente, na criticabilidade, na infinitude e no inacabamento das obras. [...] A dinâmica da auto-reflexão imanente à obra [...] inscreve nela um inacabamento consecutivo; por ser obra de arte e obra do espírito, a obra quer ir além de si mesma, ela se abre às dimensões do infinito e do absoluto. Ora, a crítica é justamente, para os românticos de Iena, uma das respostas privilegiadas a esta exigência de auto-superação que caracteriza a verdadeira obra de arte, alojando na imanência da obra o movimento mesmo de sua transcendência (GAGNEBIN, 1999, p.72).

Essa ideia de poesia transcendental é desenvolvida por Novalis em seus fragmentos. A poesia, para Novalis, deve se debruçar sobre o próprio pensar, que é o pensar do pensar: “a poesia manifesta no mundo sensível o que está fora dele. [...] Essa apresentação é uma livre atividade criadora, que não se situa nem no sujeito nem no objeto” (LINS, 2004, p.114). Esse conceito de poesia se desenvolve como uma poesia transcendental, desenvolvida a partir da ideia do absoluto da arte, a reflexão infinita realizada pela própria arte.

Essa poesia transcendental romântica, segundo Benjamin, é uma poesia cuja reflexão poética é absoluta. O conceito transcendental em Novalis conduz para o próprio conceito de reflexão, uma reflexão absoluta da poesia. A obra deixa de ser representação e imitação do mundo e passa a se realizar em função de si mesma, por isso, segundo Scheel (2009), a originalidade da obra de arte, para os românticos, está na criação de uma outra realidade pela obra, que se dá a partir do gesto reflexivo do

próprio eu e de sua autoconsciência. Scheel (2010) reflete que, para Novalis e Schlegel, a reflexão não é apenas um processo de descoberta do eu, mas também é uma forma de avaliação, crítica e análise da obra literária, percebendo, assim, a poesia como um processo ativo do pensamento que faz dela objeto da reflexão.

Para refletir sobre a crítica e a poesia Novalis utiliza da forma do fragmento, pois, essa forma, ao mesmo tempo em que se constitui de uma extrema concisão, apresenta uma profunda intensidade, que concede uma abertura maior para a reflexão, além de uma ambiguidade e de uma polissemia que fazem parte do ideal poético-criador romântico. O gênero do fragmento literário, de acordo com Scheel (2010), é o suporte no qual vai se manifestar a abertura da poesia para o pensamento, a crítica e a teoria: “é o suporte em que se manifesta o encontro entre a criação – *poiesis* – e investigação filosófica, entre crítica e arte” (SCHEEL, 2010, p.64).

O fragmento, segundo Scheel (2010), transformou a visão sobre a literatura e as artes, e aproxima não só poesia e crítica, como também o pensamento e a arte, o ser e a linguagem. Esse gênero coloca em discussão o fato de que a noção de total completude de um texto, de um todo perfeito e acabado, é um fantasma, um texto não pode dizer tudo. A própria linguagem não consegue expressar tudo. Para compreender um fragmento é necessária uma reflexão muito maior e mais intensa sobre a crítica do que a que existia até então. No fragmento não temos desenvolvidas situações de causa e efeito, e sim uma reflexão, que aparece como uma possibilidade: “o fragmento é quase sempre uma janela que se abre” (BARRENTO, 2010, p.73). É um pedaço de texto cujo significado se constrói a partir de um processo de leitura.

O fragmento 47 de “Poesia” desenvolve a ideia da poesia transcendental: “<A poesia transcendental é mesclada de filosofia e poesia. Em fundamento envolve todas as funções transcendentais e contém, em ato, o transcendental em geral.>” (NOVALIS, 2009, p.124). Nesse fragmento, Novalis evidencia que a poesia transcendental é a mescla da filosofia e da poesia. Ou seja, a poesia transcendental contém em si a reflexão, uma reflexão que se aproxima da própria reflexão filosófica. Duarte (2011) aponta que Novalis aproxima a arte da filosofia de maneira a tornar a arte mais reflexiva. Benjamin, segundo Seligmann-Silva (2011), evidencia em sua tese que os românticos, diferente de Fichte, colocam a arte e não o “Eu” no núcleo da reflexão humana. Os românticos pensam na arte e não no Eu, “o ponto central da reflexão é a arte e não o Eu” (BENJAMIN, 2011, p.48). Segundo Duarte (2011) para os românticos, a reflexão buscada no sujeito por Fichte, já estaria na arte, em especial na linguagem. A

verdadeira obra de arte é a que já nasce de uma forma, da potencialização da forma que resulta em forma, e não a intuição que resulta em conteúdo: “a intuição intelectual é pensamento que engendra o seu objeto, mas a reflexão, no sentido dos românticos, é pensamento que engendra sua forma” (BENJAMIN, 2011, p.39). Seligmann-Silva (1999) ressalta que, para Benjamin, os românticos levam mais longe a noção da reflexão de Fichte e aplicam a teoria da reflexão à arte, de maneira que a forma da obra passa a ser vista como uma expressão objetiva da reflexão que faz parte da obra.

Essa poesia envolve todas as funções transcendentais, e contém todo o transcendental em si, é através dessa poesia que o transcendental se realiza de fato, que a reflexão infinita e absoluta se realiza. A reflexão absoluta, a ideia do Eu absoluto de Fichte, não pode se realizar pela filosofia, apenas a poesia torna essa reflexão possível, esse pensar absoluto e inesgotável possível. Esse pensar que transcende e que ultrapassa o próprio eu empírico e até mesmo a própria poesia. O poder transcendental dessa poesia romântica está, segundo Scheel (2010), no fato de que a própria definição dessa poesia se faz como um jogo de sentidos em direção ao infinito, ao absoluto da própria transcendência em si. O'Brien (1995) ressalta que para Novalis a poesia funciona como mediação do absoluto.

No fragmento 29 dos “fragmentos logológicos II” temos que:

O poema do entendimento é filosofia – É o supremo arrojo, que o entendimento se dá por sobre si mesmo – Unidade do *entendimento* e da *imaginação*. Sem filosofia permanece o homem desunido em suas forças essenciais – São dois homens – Um entendedor – e um poeta.

Sem filosofia imperfeito poeta – Sem filosofia imperfeito pensador – julgador (NOVALIS, 2009, p.117)

Nesse fragmento Novalis aproxima a poesia da filosofia, no sentido da poesia romântica, poesia da poesia, essa poesia do entendimento é “o supremo arrojo, que o entendimento se dá por sobre si mesmo”, é a poesia que reflete sobre o próprio fazer poético, o poema que pensa sobre si, que contém em si o entendimento, a reflexão:

A “poesia da poesia” é a expressão condensada da natureza reflexiva do absoluto. Ela é a poesia consciente de si mesma e, uma vez que a consciência, segundo a doutrina romântica, é apenas uma forma espiritual intensificada daquilo do que ela é consciência, então a consciência da poesia é ela mesma poesia. É poesia da poesia (BENJAMIN, 2011, p.102).

Esse poema é a unidade do “*entendimento*” e da “*imaginação*”, da filosofia como o entendimento e a poesia como imaginação. Ele contém em si uma reflexão que deve ser desdobrada, através da ficção do poema se provoca um processo reflexivo que

resultará em um saber. Sem essa capacidade do pensar da filosofia o poeta é incompleto, ele é “imperfeito” pois, falta a capacidade reflexiva que a filosofia contém e que deve fazer parte da poesia. Schefer (2011) aponta que Novalis fundamenta sua reflexão sobre a arte criadora a partir da filosofia de Fichte. Além disso, a relação da filosofia e da poesia é parte fundamental do pensamento romântico. E essa ligação entre poesia e filosofia é um dos fatores que diferencia o primeiro romantismo alemão dos demais romantismos.

Não só o poeta é imperfeito sem a capacidade reflexiva da filosofia como o crítico também. A própria obra é uma fonte inesgotável de desdobramento e reflexão que é o que passa a torná-la obra de arte, e o juízo dessa obra deve partir disso, e não mais dos ideais de beleza impostos pelos postulados. Costa-Lima (2005) discute que essa crítica que parte do juízo estético e não mais no juízo de gosto é universalizada. A crítica da obra deve ser realizar nela mesma e não mais baseada em tratados e princípios de beleza externos. Essa ideia de crítica desenvolvida por Kant influencia não apenas as ideias em relação à crítica de arte romântica, mas a própria ideia de arte em si, da poesia transcendental dos românticos, poesia essa que pensa sobre si mesma, que possui uma autoconsciência reflexiva, que “não apenas cria, sabe que cria” (DUARTE, 2011, p.49).

Os românticos pretendem se afastar da crítica judicativa dos clássicos, e para isso, aproximam a crítica da especulação filosófica: “o procedimento crítico adquire uma afinidade muito próxima com o procedimento reflexivo” (BENJAMIN, 2011, p. 59). Como bem aponta Benjamin, tanto crítica quanto poesia romântica devem se fundamentar num processo de reflexão que gera o entendimento, e nesse fragmento temos o desenvolvimento dessa ideia do poema que se aproxima da especulação filosófica, que deve produzir um saber através da reflexão que ele produz em si mesmo e por si mesmo.

Podemos perceber que temos nos fragmentos de *Pólen* a ideia de poesia e de crítica que Novalis desenvolve, influenciada pela filosofia de Kant e de Fichte, e essa ideia é sistematizada por Benjamin em sua tese. No entanto, não temos na tese de Benjamin apenas uma sistematização das ideias românticas, temos, principalmente, uma crítica e uma reflexão acerca dessas ideias. O que nos leva a poder entender a tese de Benjamin como uma reflexão decomposta dos fragmentos. Os românticos, com o fragmento, dissolvem as fronteiras entre poesia, crítica e teoria. Dessa forma, a crítica que Benjamin faz acerca dos fragmentos se assemelha a crítica de uma obra literária, poética. Benjamin não só reflete sobre esses fragmentos, como da mesma maneira que a

crítica deve desdobrar as reflexões da poesia, ele desdobra as reflexões presentes nos fragmentos, gerando novas reflexões a partir de sua tese. E a partir tanto dos fragmentos como da tese de Benjamin, podemos desdobrar infinitas reflexões e infinitos novos saberes.

Referências

BARRENTO, J. **O gênero intranquilo: anatomia do ensaio e do fragmento**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

BENJAMIN, W. **O conceito de crítica de arte no romantismo alemão**. Tradução, introdução e notas de M. Seligmann-Silva. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2011.

BORNHEIM, G. Filosofia do Romantismo. In: GUINSBURG, Jaime. (Org) **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 75-111.

COSTA-LIMA, L. **Limites da voz: Montaigne, Schlegel, Kafka**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005

DUARTE, P. **Estio do Tempo: Romantismo e estética moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FICHTE, J. G. **A doutrina-da-ciência de 1794 e outros escritos**. Seleção de textos, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

GAGNEBIN, J.M. Nas fontes paradoxais da crítica literária. Walter Benjamin relê os românticos de Iena. In: SELIGMANN-SILVA, M. (org.). **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1999. p.61-78

LACOUÉ-LABARTHE, P. Avant-Propos. In: BENJAMIN, W. **Le concept de critique esthétique dans le romantisme allemand**. Paris: Flammarion, 1986. p.7-25.

LACOUÉ-LABARTHE, P. e NANCY, J. **L'absolu littéraire - Theorie de la littérature du romantisme allemand**. Paris: Seuil, 1978.

LINS, V. Novalis, negatividade e utopia. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, Ano IX, n. 10, p. 112-124, 2004.

NOVALIS. **Pólen**. Fragmentos, diálogos, monólogo. Tradução, apresentação e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009.

O' BRIEN, Wm. A. **Novalis: Signs of Revolution**. Durham: Duke University Press, 1995.

SCHEEL, M. **A literatura aos pedaços a fragmentação discursiva e a problemática da representação do primeiro romantismo alemão à modernidade e ao pós-modernismo**. 2009. 393 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

_____. **Poética do Romantismo: Novalis e o fragmento literário**. São Paulo: Unesp, 2010.

SCHEFER, O. **Novalis**. Paris: Le Félin, 2011.

SELIGMANN-SILVA, M. **Arte, Crítica e Crítica como Arte. Acerca do Conceito de Crítica em F. Schlegel e Novalis**. In: Discurso, n. 20, 1993, p. 115-136.

_____. **Ler o livro do mundo**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

_____. A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. A redescoberta do idealismo mágico. In: BENJAMIN, W. **O conceito de crítica de arte no romantismo alemão**. Tradução, introdução e notas de M. Seligmann-Silva. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2011.